



apresenta

Ciclo de Oficinas:
A vestimenta ancestral das Iyabás do Candomblé



CICLO DE OFICINAS

MAR: A GRANDE MÃE IEMANJÁ

SÁBADO • 14 DE DEZEMBRO • CASA BRANCA D'OSÚN

Realização:

IYABÁS DO ILÊ
GRUPO CULTURAL

Apoio:

 **elas** Instituto C&A
Fundo Social de Investimento

Apoio:  **elas** Instituto C&A
Fundo Social de Investimento

Sumário

1. Ciclo de Oficinas: As vestimentas ancestrais das Iyabás do Candomblé
2. O Candomblé no Brasil
3. Combate a todas as formas de violência contra a mulher
4. A grande Mãe Iemanjá
5. Vestuário e indumentária do Candomblé
6. Vestimenta e Adornos de Iemanjá
7. Cânticos ao Mar
8. Bibliografia

1

Ciclo de Oficinas: As vestimentas ancestrais das Iyabás do Candomblé

A ancestralidade religiosa como ponto impulsor para debates sobre protagonismo das mulheres, autoestima, aprendizado coletivo e combate a todas as formas de violência. Esse é o objetivo principal deste projeto.

As oficinas irão resgatar o legado ancestral do vestuário feminino do Candomblé e os elementos que compõem o perfil de cada Iyabá a partir de lendas, história, arquétipo, roupas, joias, adereços, comidas, cantos, toques e danças.

O Ciclo de Oficinas se configura como mais um espaço de aprendizado e formação sobre saberes religiosos e práticas cotidianas sob a perspectiva cuidadosa de mulheres. Um projeto pensado por mulheres para mulheres. Relacionando práticas de fé com situações do dia a dia, de modo que conceitos, definições, procedimentos e cultura, estejam cada vez mais na rotina de nossas realizações.

Desejamos a todas e todos participantes um ótimo curso!

Equipe Facilitadora:

Ekedje Rosângela D'Iemanjá

Baba Ogumdaruncy

Ya Egbé Licia D'Odé

Pejigan Raphael D'Oxoguian

Regina Celia Lopes

O Candomblé no Brasil

O candomblé é uma religião criada no Brasil por meio de herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar às condições de nosso ambiente. Por isso denominada como religião de matriz africana.

Tem como característica principal o culto às divindades (Inquices, Orixás e Voduns), que são divindades cultuadas através da força e poder da natureza.

No candomblé nada se cria. A tradição e fundamentos é oral, passada sempre do mais velho para o mais novo. Este saber é conquistado no dia a dia, na prática, com o tempo e, principalmente, com humildade, disponibilidade e vontade de aprender.

O Candomblé como religião de matriz africana praticado desde a chegada em terras brasileiras, o culto aos ancestrais e aos Orixás, desde o século XVI, foi sendo reconstruído pelos homens e mulheres trazidos para cá à força na condição de escravizados. Embora siga uma estrutura muito semelhante àquela dos iorubás da África, o candomblé brasileiro possui as suas particularidades.

Tal qual o rito africano, o Candomblé corresponde a uma religião totêmica, que cultua um deus único, criador de si mesmo e de tudo no universo – Olorum – e seus orixás – deuses menores – que comandam as forças da natureza.

No Candomblé, os espíritos não falam com os consulentes diretamente, mas somente por meio do jogo de búzios – forma de oráculo que só pode ser compreendido por um sacerdote ou sacerdotisa, o Babalorixá ou lalorixá.

Em relação ao modelo africano, existem diferenças quanto a alguns adereços, cânticos, ritmos e mesmo a forma de organização dos Terreiros – que aqui serve sempre a todos os Orixás, enquanto lá, existe uma divisão.

O Candomblé desenvolveu-se fortemente na Bahia, onde a comunidade de sudaneses ocidentais de origem iorubá era numerosa. Isso não significa dizer que todos os africanos migrados para lá à força fossem de origem iorubá; significa sim, compreender que, à medida que eram inseridos nessa nova

coletividade, os africanos, recém-chegados, assimilavam o novo modelo de organização social e religiosa, promovendo o crescimento e o fortalecimento dessa cultura afro-brasileira.

O candomblé no período colonial, embora não fosse bem visto nem pelos senhores de escravos e nem pela igreja católica, foi sendo reconstruído a partir das lembranças do que se praticava na África e das novas necessidades da vida desprovida de liberdade.

Em seu artigo Sincretismo da Crença no Brasil do Século XVI, Sônia A. Siqueira, apresenta fragmentos de correspondências de padres e senhores que, concordam entre si com a necessidade de permitir aos negros que tivessem um pequeno tempo para suas festas para que, assim, não se sentissem pressionados demais e não se rebelassem.

A festa foi o espaço no qual a religião pôde renascer. Não entendendo como um círculo de pessoas que cantam e dançam, sem altar, nem imagens, poderia se configurar numa cerimônia religiosa, os portugueses acabavam permitindo que, bem debaixo de seus olhos, um sentimento religioso renascesse e uma prática religiosa fosse construída.

Combate a todas as formas de violência contra as mulheres

Por que as pessoas insistem em falar sobre violência contra a mulher? Por que elas segmentam a violência para comentar sobre ela? É um direito humano ter uma vida sem violência, por que então falar em violência contra um grupo específico de pessoas?

A naturalização da violência contra a mulher coloca as agressões dentro de um relacionamento como um descontrole, um mero desentendimento, um problema privado e até mesmo como algo motivado pela própria vítima e essa culpabilização faz com que o silêncio e a vergonha façam parte do cotidiano de muitas mulheres.

Viver uma vida livre de violência é um direito de todos, mas numa sociedade desigual, há grupos sociais vulneráveis a determinados tipos de violência. Mulheres morrem, são agredidas, sofrem violência sexual, por serem mulheres e ignorar isso atrapalha muito na hora de impedir que esses crimes ocorram. Negligenciar as especificidades dos crimes contra as mulheres dificulta combatê-los.

E quais são essas especificidades que os crimes contra as mulheres tem? É preciso ressaltar que nem todo crime cometido contra uma mulher é um crime de gênero e que as especificidades são trabalhadas de acordo com as estatísticas que temos acesso e devem ser analisadas com base também na nossa cultura. Dados mostram, por exemplo, que o ambiente doméstico é onde acontece a maioria dos casos de violência contra a mulher e que os principais algozes em casos de assassinatos de mulheres são homens com quem elas tiveram um relacionamento.

Por que mulheres são vítimas de violência no ambiente doméstico? Por que tantos ex-parceiros e parceiros as assassinam? Por que as mulheres são a maioria das vítimas de estupro? Por que a grande maioria dos nossos algozes são homens próximos? A nossa cultura explica. O machismo ensina que mulheres são inferiores aos homens e devem obediência a eles, somos vistas como propriedades e por isso, a violência cometida contra nós muitas vezes é considerada, ainda hoje, como uma “correção” pela insubmissão.

A Lei Maria da Penha, a existência da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra Mulheres, a lei do Feminicídio existem porque os crimes cometidos contra as mulheres têm bases e soluções diferentes de outros crimes. Se mulheres ainda são vistas como inferiores, são

desumanizadas, vistas como propriedade e sofrem discriminações, reclamar das leis específicas é fingir não ver que na prática, mulheres não são vistas como iguais aos homens e ignorar as consequências dessa visão. Leis e políticas públicas específicas existem para reafirmar a condição de determinados grupos sociais como sujeitos de direitos que por mais que sejam englobados pela lei geral, na prática, ainda são discriminados e excluídos. É importante ressaltar que o grupo das mulheres é bastante heterogêneo e que muitas vezes é preciso trabalhar observando isso também. Por exemplo, as mulheres negras sofrem com questões que mulheres brancas não sofrem e isso não pode ser negligenciado.

Sem reconhecer que o machismo tem um papel importante na violência de gênero, a gente não tem capacidade de criar políticas públicas que sejam realmente efetivas. Por exemplo, o tratamento policial, jurídico e médico que a vítima recebe muitas vezes reproduz machismo, o que atrapalha na efetividade das leis. Treinar equipes para um atendimento multidisciplinar, especializado e humanizado é essencial e esse treinamento deve se pautar no reconhecimento da questão de gênero que permeia a violência doméstica, por exemplo. Só que não basta educar quem aplica a lei, é preciso conversar com a sociedade, propor reflexão e fazê-la pensar no que ela pode fazer para combater um crime que até a promulgação da Lei Maria da Penha era visto como um problema pessoal, uma questão privada. Isso importa porque os nossos discursos carregam ideais que naturalizam a violência cometida contra mulheres. Por isso, precisamos falar de machismo, misoginia e violência contra a mulher nas escolas.

Frases que naturalizam a violência e devemos evitar:

Falar “Ele te bateu porque gosta de você” para crianças

Essa frase coloca a violência como uma forma de demonstrar amor/carinho/afeto. É comum ser dita para meninas quando elas apanham na escola de meninos. Falar isso para crianças é ensinar que a violência faz parte do amor. Essa frase muitas vezes sofre variações como “meninos são assim mesmo, não sabem demonstrar como sentem e fazem isso”.

O uso do termo “crime passionai”

O termo implica que o crime foi motivado por amor, paixão. Sendo que não é o amor, paixão ou desejo que motivam o crime e sim a ideia de que a mulher é um objeto do parceiro. Usar esse termo é ignorar

que há uma desumanização da vítima, por parte do agressor, já que ele não a vê como sujeito de vontades, sentimentos e com direitos.

Falar que há mulheres que gostam de apanhar

Muitas vezes a mulher agredida não denuncia por medo de ser assassinada, dos filhos sofrerem agressões ou de perder a guarda deles. Além do medo, a dependência emocional, a dependência financeira e até mesmo a vergonha/sentir culpada também influenciam que mulheres não denunciem seus agressores. É preciso parar de usar essa frase porque isso só intensifica a culpabilização da vítima e faz com que mulheres se mantenham em silêncio sobre o que passam ou passaram.

Falar “mas ela deve ter feito alguma coisa pra que isso acontecesse”

Essa frase é um exemplo de culpabilização da vítima. Ao falar “ela provocou”, você coloca a vítima como responsável pela violência sofrida. Você ameniza o que o agressor fez. A mulher que sofreu um estupro não precisa falar sobre as roupas que usava, sobre seu histórico sexual, sobre consumir ou não bebida alcoólica, porque tais comportamentos não a fazem mais ou menos vítima. Quando as pessoas insistem em falar “ela deveria ter escolhido melhor com quem se relacionar” também é culpabilização da vítima. O discurso de culpabilização alimenta o silêncio e a vergonha das vítimas de violência e muitas, por temer o estigma, deixam de fazer boletim de ocorrência.

A agressão e o estupro não são culpa da vítima. Mesmo que ela tenha traído o marido, isso não justifica um assassinato ou uma agressão, por exemplo.

Alimentar o mito de que ciúme é prova de amor

Controle motivado por ciúme não é amor e não é romântico. Precisamos parar de falar que controlar as roupas da parceira é uma forma de demonstrar afeto ou de se mostrar preocupado com o relacionamento, por exemplo. Controlar o que a parceira veste, com quem ela conversa, onde ela vai, proibir que ela faça algo não é sintoma de paixão, é sinal de que o relacionamento é abusivo, nada saudável.

Falar para a vítima “Se você for melhor, talvez ele mude”

Essa é mais uma forma de culpar a vítima pela violência sofrida, afinal, põe a responsabilidade da mudança nas ações dela e não do agressor. A frase, além de tudo, é irresponsável, porque incentiva

que a vítima continue a se relacionar com o parceiro violento. Quebrar o silêncio e sair de um relacionamento abusivo é muito difícil e a pessoa precisa receber apoio de amigos e parentes e não ouvir comentários culpabilizadores.

A cultura machista influencia em tudo: em como o judiciário vai aplicar a lei, em como os profissionais de saúde e os policiais atenderão a vítima de violência e em como vamos encarar a violência sofrida por uma mulher em nosso cotidiano. E é por isso que é preciso desmistificar tais discurso.

4

Orixá Iemanjá

Iemanjá é considerada a rainha de todas as águas do mundo, seja dos rios, seja do mar. O seu nome deriva da expressão YéYé Omó Ejá, que significa, mãe cujo filhos são peixes.

Apesar de no Brasil Iemanjá ser cultuada nas águas salgadas, a sua origem é de um rio que corre para o mar. Inclusive, todas as suas saudações, orikis (formada por duas palavras, Ori = Cabeça e Ki = Louvar / saudar) e cantigas remetem a essa origem. Odó Iyà por exemplo, significa mãe do rio, já a saudação Erù Iyà faz alusão às espumas formadas do encontro das águas do rio com as águas do mar, sendo esse um dos locais de culto a Iemanjá.

Iemanjá é a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo. É ela quem sustenta a humanidade e, por isso, os órgãos que a relacionam com a maternidade, ou seja, a sua vulva e seus seios chorosos, são sagrados.

Iemanjá é o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho, um exemplo de conduta. Ela é a mãe que orienta, que mostra os caminhos, que educa, e sabe, sobre tudo, explorar as potencialidades que estão dentro de cada um, mostrando que a guerra maior é a que travamos contra nós mesmos.

A)

Perfil:

Saudação: Erú Iyá! | Odô Iyá! (Mãe das espumas das águas) (Mãe do Rio / Mar)

Dia da Semana de Iemanjá: Sábado

Flor: Hortênsia, palma azul, rosa azul

Comida: Canjica branca, Peixe, Eboiá

Doce: Merengue, Manjar, Doce de Coco

Função: Mudança de pensamento, união, abafamento

Cor: Branco, prata, azul e verde claro

Ferramentas: Abebé prateado e alfange

Domínios: Inteligência, maternidade, saúde mental e psicológica

B)

Lendas / Itans que retratam a superação das Iyabás frente a episódios de violência

Um dos seus inúmeros itans conta que Iemanjá era casada com Oduduwa. Vale ressaltar que dependendo da localidade da África este ser supremo pode ser feminino.

Diz a lenda que seus seios se tornaram maiores e mais fartos devido a amamentação de todos os seus filhos, característica que gerou a ela grande vergonha. Cansada de seu casamento, Iemanjá decidiu deixar seu esposo e seguir em busca de sua própria felicidade.

Após algum tempo, ela se apaixonou pelo rei Okere, com quem viveu uma história nada feliz. Contos revelam que, em um certo dia, após beber demais, Okere se referiu aos seios de Iemanjá de maneira grosseira, o que fez com que ela fugisse decepcionada.

Para escapar da perseguição de Okere, Iemanjá fez uso da poção dada por seu pai. Assim a Rainha do Mar se transformou em um rio que encontra o mar.

Para recuperar sua esposa, Okere decidiu interferir no curso do rio, ao se transformar em uma montanha. Mas com a ajuda de seu filho Xangô (que abriu passagem no meio dos vales criados por Okere), Iemanjá conseguiu seguir seu caminho, tornando-se então a Rainha do Mar.

-

Exu, seu filho, se encantou por sua beleza e tomou-a a força, tentando violentá-la. Uma grande luta se deu e bravamente Iemanjá resistiu à violência do filho que, na luta, dilacerou os seios da mãe. Enlouquecido e arrependido pelo que fez, Exu “saiu no mundo” desaparecendo no horizonte. Caída ao chão, Iemanjá entre a dor, a vergonha, a tristeza e a pena que teve pela atitude do filho, pediu socorro ao pai Olokum e ao criador Olorum. E, dos seus seios dilacerados, a água, salgada como a lágrima, foi saindo dando origem aos mares.

Exu, pela atitude má, foi banido para sempre da mesa dos orixás, tendo como incumbência eterna ser o guardião, não podendo juntar-se aos outros na corte.

Por isso Iemanjá é representada na imagem com grandes seios, simbolizando a maternidade e a fecundidade.

C)

Arquétipo dos filhos de Iemanjá

Os filhos de Iemanjá são pessoas voluntariosas, fortes, rigorosas, protetoras, ativas e, algumas vezes, impetuosas e arrogantes; tem o sentido da hierarquia, faz-se respeitar e são justas, mas formais; põem à prova as amigas que lhes são devotadas, custam muito a perdoar uma ofensa e, se a perdoam, não a esquecem jamais.

Preocupam-se com os outros, são maternais e sérias. Sem possuírem a vaidade de Oxum, gostam do luxo, das joias caras. Tem tendência à vida suntuosa mesmo se as possibilidades do cotidiano não lhes permitem tanto.

Características Positivas:

Seus filhos são dotados de franqueza, alegria, desconfiança, sabedoria e competência. Decididos, honestos e corretos. Inteligentes, criativos. São pessoas que gostam do trabalho e dedicam-se inteiramente à família.

Características Negativas:

Demasiadamente exigentes, quando com raiva, destroem uma pessoa com um simples olhar. Quando ofendidas perdoam, mas jamais esquecem. Cruéis e egoístas, são do tipo donos da verdade. Dramáticos e fatalistas, se irritam facilmente.

5

Vestuário e indumentária do Candomblé

Preocupados com a perpetuação do vestuário dos praticantes do Candomblé, bem como dos nossos Orixás, tendo como princípio a cultura que nos foi passada, percebemos que o complexo código de ética está relacionado às vestes dos praticantes do candomblé, está sendo diariamente infringido, expondo a nossa religiosidade de forma profana em meio à sociedade.

Dessa forma, para dirimir dúvidas sobre esse importante aspecto da nossa religiosidade, abordaremos abaixo, as indumentárias e vestimentas do candomblé, não somente dos integrantes do ilê axé, bem como das divindades.

Dentro do candomblé, o **vestuário** também é uma indumentária tradicional, assim existe um tipo de vestuário específico a ser utilizado para cada ocasião nos **terreiros de candomblé**, podendo algumas questões variarem de casa para casa, mas sua tradição é sempre mantida.

Vestimenta dos filhos e filhas do Ilê Axé

Roupa de Ração

A roupa de ração é aquela usada diariamente em uma casa de **Candomblé**. São roupas simples feitas de tecido de algodão. As roupas de ração podem ser coloridas ou brancas, dependendo da ocasião e do tempo de iniciação do elegum na roça de candomblé.

Compõem a roupa de ração: saia (axó) de pouca roda para facilitar a movimentação, singuê (espécie de faixa amarrada nos seios que substitui o sutiã), camisu (geralmente branco e enfeitado com rendas e bordados), calçolão (espécie de bermuda amarrada por cordão na cintura, um pouco larga para facilitar a movimentação e proteger o corpo em casos que se é necessário sentar no chão), pano da costa e ojá (um pano que se amarra à cabeça).

O axó (roupa) tem uma representação muito grande no candomblé. A roupa fala de um simbolismo muito especial, que além de ético e moral, os axós dão para as mulheres, principalmente, posição e postura. É bonito se notar a forma e a reverência que estas roupas expressam em sua aparência e jeito: respeito acima de tudo!

Vale destacar os axós de razão específicos de nosso Ilê Axé:

Ogãs confirmados: abadá, calção, contra-egum, umbiguela, chinelo e contas (orixá orori e orixá do Babalorixá).

Ogãs não confirmados: abadá, calção, chinelo, contra-egum, umbiguela e contas (Oxalá, Iemanjá e orixá do Babalorixá).

Ogãs não confirmados, obrigatoriamente, deve usar roupas brancas em todas as ocasiões.

Ekedje confirmada: Camisú, saia, pano da costa no peito (não na cintura), calção, chinelo, contas (orixá orori e orixá do Babalorixá), brincos, pulseiras, contra-egum e umbiguela.

Ekedje não confirmada: Camisú, saia, pano da costa no peito, calção, chinelo, contas (Oxalá, Iemanjá e Ogum do Babalorixá), contra-egum e umbiguela.

Homens (Independente do santo)

Egbomi: abadá, calção, chinelo, contra-egum, umbiguela e contas (orixá orori e orixá do Babalorixá)

Yawo: abadá, calção, contra-egum, umbiguela, chinelo para os filhos com Odu Etá (3 anos) e contas (orixá orori e orixá do Babalorixá). Não utilizar anéis, relógio, pulseiras etc.

Abiã: abadá, calção, contra-egum, umbiguela e contas (Oxalá, Iemanjá e orixá do Babalorixá). Não utilizar anéis, relógio, pulseiras etc.

Abiã, obrigatoriamente, deve usar roupas brancas em todas as ocasiões, não sendo permitido o uso de roupas coloridas e chinelo.

Mulheres de Orixá Iyabá

Egbomi: camisú, saia, pano da costa no peito (não na cintura), calção, contra-egum, umbiguela, chinelos e contas (orixá orori e orixá do Babalorixá).

Yawo: camisú, saia, pano da costa, calção, moka, contra egum, umbiguela, contas adequadas (orixá orori e orixá do Babalorixá), chinelo para os filhos com Odu Eta (3 anos) e brincos simples e pequenos. Não utilizar relógio, adornos na cabeça e acessórios de grande porte.

Observação:

Somente poderão fazer uso de roupas coloridas, o yawo tendo feito sua obrigação de Odu Kini (1 ano), exceto filhos de oxalá.

Mulheres de Orixá Oboró

Egbomi: camisú, saia, pano da costa no peito (não na cintura), calção, contra-egum, umbigueira, contas (orixá olori e Ogum do Babalorixá), chinelo e ojá.

Yawo: camisú, saia, pano da costa, calção, mokan, contra-egum, umbigueira, contas adequadas (orixá olori e orixá do Babalorixá), chinelo para os filhos com Odu Eta (3 anos), utilizar brincos pequenos (caso o orixá permita). Não utilizar anéis, relógio, pulseiras etc

Vestimentas Iemanjá

No que diz respeito a vestimenta de Iemanjá, vale destacar, que vem ocorrendo nas casas de santo, a chamada “carnavalização” dos tradicionais paramentos e vestimentas dos Orixás, situação que vem se agravando, ao ponto de recriarem os trajes, implantando, assim, uma nova maneira de vestir os orixás e seus filhos, ignorando as tradições centenárias, originárias de uma religião milenar e, desrespeitando, de forma muito preocupante, a essência de cada Orixá.

O candomblé é uma religião baseada em crenças que os africanos trouxeram de suas terras natais. O culto do candomblé deve ser preservado e com o cuidado de não ditar ou impor um código de vestuário, apontaremos abaixo algumas recomendações da nossa casa.



7

Cânticos ao Mar

P = Pergunta. Primeira estrofe da cantiga entoada pelo Ogã Alabê.

R = Resposta. Estrofe secundária entoada por todos e todas.

Cantigas Roda de Iemanjá

Ritmo: BATA

1 – P: AWA ABO A YO

R: YEMANJÁ

AWA ABO A YO

YEMANJÁ

2 – P: IYA O DE IRÊ XE

R: O SI É YEMANJÁ

IYA O DE IRÊ XE A OYO

ODOO FI AXA WE LE O

3 - P: A XA WE LE

R: A XA WE LE OOO

ODO FI AXA WE LE OOO

4 – P: IYA KOORO UN Á NI XA XA

R: IYA KOORO UN Á

5 – P: ORI Ô NILÉ IYA OYO

R: YEMANJÁ

ORI Ô NILÉ OOO

YEMANJÁ

6 – P: A OYO PADE LOGÉ OOO

R: YEMANJÁ OGUN

OGUN PA AJA RÊ IYA OYO

PADE LOGÉ

YEMANJÁ OGUN IYA A OYO NILÉ

7 – P: YEMANJÁ OGUNTÉ KO WA LÊ Ô

R: OLORUN, KO WA LÊ OOÔ (x3)

Cantigas de RUM

Ritmo: ADAHUN

8 – P: E A OIOÔ KINIBOJAREOÔ

KINIBOJARÊ OLUODO KINIBOJAREOÔ.

R: E A OIOÔ KINIBOJAREOÔ

KINIBOJARÊ OLUODO KINIBOJAREOÔ.

9 – P:TA NO BÓJARÊ TA NA BOASÍ TA NO BOJARÊ OLUODÔ TA NA BOASI

R: TA NO BÓJARÊ TA NA BOASÍ TA NO BOJARÊ OLUODÔ TA NA BOASI

Ritmo: ALOJÁ

10 – P:YEMANJÁ UM TÔ

R: MANJARÊ

Ritmo: ADAHUM

11 – P: OLODOFIO OLU ODÔ

R: IYAKEKERE

P: AWAJALÁ AWAJALÁ

R: IYAKEKERE

Ritmo: AGABI

12 – P: Ê KA MA RÔ NIRUMBA KOXARELODÔ EEÊ

R: KA MA RÔ NIRUMBA KOXARELODÔ

13 - EEE MIMOFEÊ MIMANJAREWÁ

R: E MIM IYA LODÊ MIMOFEÊ MI MANJAREWÁ, E MIM IYA LODÊ

14 – P: YEMANJÁ SABA, SABA MIRELEEÊ, YEMANJÁ SABA, SABA MIRELEEÊ, SABA MIRELEEÊ OLUODÔ, SABA MIRELEEÊ

R: YEMANJÁ SABA, SABA MIRELEEÊ, YEMANJÁ SABA, SABA MIRELEEÊ, SABA MIRELEEÊ OLUODÔ, SABA MIRELEEÊ

Ritmo: AGUERÉ

15 – P: KI NI JÉ NILÉ ODOOÔ, YEMANJÁ OOÔ A KOTA DE RE SE, IYA ODO MIRÔ

R: KI NI JÉ NILÉ ODOOÔ, YEMANJÁ OOÔ A KOTA DE RE SE, IYA ODO MIRÔ

16 - EEÊ OGUN OOÔ

R: YEMANJÁ

- IYA LODE MAREUWÁ EEÊ OGUM OOÔ

R: YEMANJÁ

17 - IYA NI MO XE QUÊ

R: MANJAÔ O RERE YEMANJÁ

8

Referências Bibliográficas:

Livro “O Candomblé bem explicado”

Livro Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé

Site: www.juntosnocandomble.com.br/2018/08/orixa-iemanja-arquetipos-e-lenda.html

Site: ocandomble.com/os-orixas/yemonja/

Site: suamidosun.blogspot.com/2010/09/vestuario-do-candomble.html

Site: candombles.blogspot.com/2014/07/fios-de-contas.html